

## Correspondências na lírica amorosa de Vinícius de Moraes e Oswaldo Osório

Ildo José Rocha (Evel Rocha)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo, cujo tema é o amor romântico, por ser uma temática atemporal em todas as culturas e literaturas, objetiva demonstrar as correspondências na lírica amorosa de Oswaldo Osório e Vinícius de Moraes, tendo como pano de fundo a obra *Os Quatro Amores*, de C. S. Lewis, cujos termos, *storge*, *philia*, *eros* e *ágape* se constituem em eixos de abordagem à estética amorosa dos dois autores, sobretudo na construção da figura feminina, enfatizando a sua paixão, sensualidade, brandura, delicadeza e força. Neste sentido, a pesquisa fundamenta-se numa perspectiva teórica - que se vincula à orientação da Literatura Comparada, com uma dimensão multidisciplinar, num diálogo próximo dos estudos de Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva, Harold Bloom, Earl Miner ou Tania Carvalhal - assim como numa apresentação breve do contexto temporal, do dialogismo e intertextualidade entre a vida e a obra dos dois autores, tendo em conta a identidade e os sistemas literários de cada um. Constatou-se que a estética amorosa romântica dos textos vinicianos e osorianos apresentam sentidos plurais construídos sob a realidade objetiva e ideal destes sujeitos poéticos - cada um no seu espaço e no seu tempo - convergindo na forma como exaltam o amor, a feminilidade e o erotismo.

**Palavras-chave:** Amor romântico; semelhança; singularidades; intertextualidade; poesia.

### Introdução

Neste artigo, procuraremos destacar as afinidades entre o poeta brasileiro Vinícius de Moraes (1913-1980) e o poeta cabo-verdiano Oswaldo Osório (1937-), dois artífices da palavra, separados pelo tempo e pelo espaço, mas unidos pela primorosa arte da lírica amorosa, tendo como principal eixo de estudo *Os Quatro Amores* de Clive Staples Lewis (2009). A escolha recaiu sobre esta obra em função do contexto deste estudo por contemplar a essência do amor e incorporar definições clássicas do mesmo de uma forma contínua, atual e relevante, examinando como cada um dos quatro amores combina com os demais, sem perder de vista a diferença necessária e real entre eles: Afeição, a forma mais básica de amar; Amizade, considerada a mais rara; Eros, o amor apaixonado; e Caridade (também mencionado como amor incondicional), o maior e menos egoísta de todos. Nas considerações finais, apresentamos as principais conclusões deste estudo.

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria Literária pela Universidade de Valladolid. Mestre em Supervisão Pedagógica e em Psicologia Counseling. Membro da Academia de Letras Cabo-Verdiana. E-mail: ildo0836@gmail.com.

## Correspondências na lírica amorosa de Vinícius de Moraes e Oswaldo Osório

A literatura, entenda-se aqui os textos literários de Oswaldo Osório e Vinícius de Moraes, é o produto de vários elementos em diálogo constante, que dizem respeito também à vida e o universo literário dos dois autores. Na vivência, destacamos a vida boémia, os amores vividos com paixão, também, a devoção ao “sublime” na juventude e na poesia, a *ars amatória* no jeito trovadoresco, a lírica amorosa, o erotismo nos versos.

A essência do amor incorpora nas suas definições ao longo do tempo das versões mais clássicas às mais atuais, sempre numa estratégia de ressignificação, respondendo aos vários contextos impostos pelas dinâmicas de evolução das sociedades, de uma forma contínua e relevante; um exame a cada uma das aceções do amor revela uma combinação, um jogo intertextual, dialético, entre si, sem perder de vista a diferença necessária e real entre elas. As categorias que enformam *lato sensu* esta problemática amorosa e pendular são basicamente as seguintes: a Afeição, a forma mais básica de amar, a Amizade, considerada a mais rara, o Eros, o amor apaixonado e Caridade (também mencionado como amor incondicional), a maior e a menos egoísta de todos; estas servem de categorias analíticas.

Há que notar que, muitas das vezes, a expressão amorosa ganha conotações distintas, dependendo quer do uso da língua quer do uso dos vários outros códigos que permitem a construção de sentidos em culturas e textos de épocas distintas (ECO, 2004; BARTHES, 2006). Por exemplo, o idioma hebraico e o grego possuem termos distintos para os tipos de amor existentes que, ao incorporarem significados outros, permitem compreender estas diferenças particulares. Por essa razão, a análise dos diversos níveis da construção dos textos de Osório e Moraes se faz pertinente sobretudo ao podermos ler nestes textos os modos de construção e significância dos tipos distintos de amor existentes (BARTHES, 2006), conforme a proposta de Lewis que os distingue em (1) afeição ou *storge* (στοργη), (2) amizade ou *philia* (φιλια), (3) amor romântico ou *eros* (έρως) e (4) amor incondicional ou *ágapê* (αγαπη), sendo que os três primeiros são chamados por ele de amores naturais. O último seria o amor divino do qual os outros três dependem. “Não há estudo mais árido do que este tipo de pesquisa; o cérebro cansa e experimenta uma sensação de vazio” (CROCE, 1994, p. 64), mormente quando a escrita destes autores de geração, origens e orientação distintas, exigem a constante atenção do que são as tramas e tessituras textuais, umas do modernismo brasileiro outras do anos sessenta caboverdianos, incluindo as motivações pessoais de cada um deles (a ligação vida e obra).

De facto, isso responde à questão da literatura, enquanto um sistema comunicativo de segundo grau (CRISTÓVÃO, 2012) não se sobrecarregar com o facto de ser uma instituição. Daí que na análise que se segue se tenha tido em conta fatores textuais e extratextuais que permite num jogo dialógico melhor referenciar a produção de sentidos nestas quatro categorias (BAKHTIN, 1998 e 2003; KRISTEVA, 2005; MACHADO & PAGEAUX, 2001). Estes dois cultores da poesia nunca se cruzaram, contudo, no mar da escrita, que é uma aventura atemporal, os dois navegam lado a lado, experimentando o mesmo gozo da paixão, sofrendo as imperfeições na busca do amor ideal. As aventuras do trovador brasileiro terminaram em 1980, três anos depois de o poeta cabo-verdiano apresentar a sua primeira obra.

### **Amor incondicional - Ágapê (ἀγάπη)**

Ágapê (ἀγάπη) é um amor considerado divino e incondicional. Lewis designa-o como o maior dos amores, e descreve-o como uma virtude especificamente cristã. Ele compara metaforicamente o amor com um jardim, a caridade com os utensílios do jardineiro e o amante como o próprio jardineiro. Lewis, descreve o ágapê como algo “que precisa vir em socorro do mero sentimento, para que o sentimento mantenha a própria doçura” (p. 161). Os amores naturais não bastam. Eles precisam do amor de Deus para se tornarem aquilo que foram projetados para ser, e para se tornarem ainda mais puros e melhores em meio às dificuldades da vida num mundo caído.

Tiresias é título de um conjunto de poemas de Oswaldo Osório os quais respondem afirmativamente à leitura desta dimensão mística, sagrada, sacralizante e sacralizada, que se encontra na maior parte dos escritos de autores cabo-verdianos, próprio da cultura e da religião predominante que é o catolicismo; o texto também é recetivo à temática metafísica, especificamente, a teologia racional, segundo o pensamento kantiano.

O misticismo e religiosidade, matéria poética que é singular na poesia de Vinícius (*O Caminho para Distância*, 1933, *Forma e Exegese*, 1935 e *Ariana, a mulher*, 1936) dialoga, estabelecendo uma relação de causa consequência com a poesia *Teresias* (2017) de Oswaldo Osório, mais recente do que o de Vinícius de Moraes como se um desse continuidade ao outro, como se um começasse onde o outro termina. Uma poesia impregnada de misticismo e religiosidade, uma matéria poética que destoa de modo singular do restante da produção do poeta. Em *O Caminho Para a Distancia*, título comum de um conjunto de 37 poemas, marca-

se a primeira dimensão mística e religiosa, conotando o substantivo caminho e distância, o percurso necessariamente longo para algo que adquire o sentido diverso, mais concreto, ao longo dos poemas muito próximo do campo semântico do sublime. Esta isotopia aparece como estruturante, como nuclear, da construção e ordenação dos restantes sentidos dos textos.

Este trabalho intertextual e dialógico com o texto bíblico sagrado e com a tradição oral cabo-verdiana simultaneamente com o texto de André Gide (1973) produz um efeito de sentido que passa também pelo tom elegíaco, normativo, assertivo de modo a reafirmar os códigos normativos para a vida, num constante ciclo de luz e escuridão. Este jogo antitético do texto biopoesia remete para aquilo que é em Oswaldo Osório uma estética filosófica da sua arte criativa.

O inquietante desejo de união ao Eterno se refletiu mais tarde no lirismo amoroso, na perquirição de um amor ideal ou da mulher ideal ou no deslumbramento pelo que não se exaure, que permanece até no mais fugaz dos instantes ou na mais breve das paixões (Silva, 2005, p. 98).

A metafísica dos dois poetas aproxima-se do conceito dado por António Villas Boas que a define como “uma expressão externa do processo interno da reinvenção de si mesmo. Re-significar Deus é próprio da poesia humana. Re-significar a vida é próprio da poesia de Deus. Re-significar o mundo é próprio do encontro dessas duas poéticas (Villas-Boas, 2011). Se Ariana na poesia de Vinícius representa o divino, natureza, poesia, amor e totalidade de todas as coisas, em Oswaldo, S. João do Socorro é a figura religiosa que engloba o amor, a esperança, a paz, a liberdade, a poesia e tudo o que é preciso para a felicidade do homem.

### **Afeto - Storge (στοργη)**

Storge (στοργη) é o sentimento entre os membros da família ou pessoas que se encontram nesse círculo social. Este tipo de amor se distingue dos outros por ser natural, emotivo, resultante do afeto devido à familiaridade; um amor disseminado por ser abnegado e centrado, na máxima de que “a mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”<sup>2</sup>. A afeição, no dizer deste autor, inclui o amor-necessidade e o amor-doação e, ironicamente, a sua força é

<sup>2</sup> Atos 20:33 – discurso do apóstolo Paulo aos anciãos da igreja de Éfeso.

o que a torna vulnerável, “essa, não tenho dúvidas, é a forma original da coisa assim como o significado essencial da palavra”, diz Lewis (p. 42).

Tanto Vinícius como Oswald demonstram nos seus escritos a preocupação com o meio onde vivem; o poema “Minha mãe” é um dos vários exemplos onde o Vinícius expressa a sua afeição pela família, “Dorme, meu filho, dorme no meu peito”. O amor à pátria ficou bem vincado no *Pátria minha*<sup>3</sup>, um dos mais lindos poemas que ele escreveu, editado pelo poeta João Cabral de Melo Neto na sua prensa particular quando morava em Barcelona, sob o selo de *O Livro Inconsútil*, como forma de homenagear seu amigo.

A obra de Vinícius, influenciado pela geração do Modernismo brasileiro, está imbuída de questões sociais e políticas e deixa explícito que a sua forma de pensar e sua ética são a sua maior riqueza. Este extenso poema, começa com uma epígrafe bíblica (Moraes, 2017), que traz um diálogo entre Deus e o Diabo, é a história de um operário de construção “em construção de si mesmo”, que exalta o comprometimento social, que reproduz o injusto contraste socioeconómico entre empregado e patrão, onde o autor coloca ao serviço da poesia os seus valores espirituais – o amor, a compaixão - e o comprometimento social que é universal: “A Rosa de Hiroxima” e “Balada dos mortos dos campos de concentração” (Moraes, 1998, p. 114). No caso do poeta cabo-verdiano, nos seus escritos, também, o *storge* está sempre presente; apreende-se pelas dedicatórias e a mensagem no seu todo ou em parte, fazendo alusão, de uma forma subentendida, aos pais e aos filhos, a forma carinhosa como escreve, a ternura dos versos, a afeição paterna e o amor à pátria, escritos em jeito de ensinamento, como os poemas “até ser um deles” e “país” (Osório, 1997, pp. 75 e 91), “o útero de gea” (Osório, 2008, p. 38), “bom dia cabo verde”, “sentir sintia”, “sabedoria do poeta velho”, “quando formos já passado” (Osório, 1987, pp. 16, 22, 25, 28) e “bom dia cabo verde” (Osório, 1987, p. 17).

A afeição, conforme propõe C.S. Lewis, inclui tanto o amor-necessidade como o amor-doação e, como exemplos da primeira, que corresponde ao amor-confluyente defendida por Giddens (1993, p. 72), na poesia dos dois autores, aquele que deseja e busca o bem do outro, como confirmam os poemas “Minha mãe” (Dorme, meu filho, dorme no meu peito) e, “O operário em construção” (que se rebela contra a exploração do seu patrão) de Vinícius e em Oswald Osório, nos poemas “casulo” (a expressão enfática: falarei sim), “bom dia cabo verde” (bons dias com julho nosso orgulho); o amor-necessidade evidencia-se nos poemas “Pátria minha” (Pátria minha, saudades de quem te ama...), “A Rosa de Hiroxima” (um apelo à reflexão

<sup>3</sup> Moraes, V. (1949) *Pátria minha*. Barcelona, O Livro Inconsútil

sobre a tragédia de Hiroxima para que nunca mais se repita: “Pensem...” “Pensem...” “Pensem...”).

### A amizade - *philia* (φιλία)

O terceiro eixo demonstra-nos que a amizade é uma forte ligação entre pessoas, que compartilham um interesse ou uma vida comum, é a amizade entre amigos e companheiros. É o menos natural entre os tipos de amores citados por Lewis que afirma: “Sem Eros, nenhum de nós teria sido gerado, e sem a Afeição nenhum de nós teria sido criado – mas nós podemos viver e nos reproduzir sem a Amizade” (p. 83). Vinícius cultivou na sua vida poética e nas tantas parcerias musicais o companheirismo, que lhe valeu grandes amizades. José Castello afirmou que Vinícius atravessou a vida como um camaleão, “absorvendo os matizes dos vários mundos em que esteve, das várias mulheres que amou, dos muitos amigos do peito que adotou como irmãos”. (Castello, 1994, p. 15). Na entrevista concedida a Danny Spínola (2016, pp. 36-37), Oswaldo Osório reconhece que a sua poesia é fruto da sua vivência desde a sua juventude. Esses “matizes de vários mundos” (Vinícius de Moraes) e “as experiências nas relações amorosas” (Oswaldo Osório) auferiram-lhes as ferramentas de modo a transformar as experiências em versos, que fizeram deles dos poetas mais românticos da literatura nos respectivos países.

O poeta brasileiro, no “O Soneto do amigo” (Moraes, Livro de sonetos, 1957) fala sobre a amizade sincera que passou por crises, mas que nunca foi esquecida, pois uma amizade de verdade nunca se apaga: O amigo: “um ser que a vida não explica/ E o espelho de minha alma multiplica... (Moraes, 1957, p. 353). Em Osório<sup>4</sup>, a amizade está implícita no desvelo dedicado à pátria (“bom dia cabo verde”), aos direitos humanos (“o preso no vidro”), ao inconformismo (“as palavras estão gastas e envelheceram”), ao poder da poesia (“poesia no poder”), no reconhecimento e admiração dos conterrâneos que deixaram a terra-mãe em busca de uma vida melhor (“holanda”), na busca da felicidade (“rosa (in)fixa” e “manhã inflor”), exemplos da presença do amor *philia*; falar de amor ou demonstrá-lo não necessariamente temos de utilizara palavra “amor”.

A *philia*, o amor fraterno, são marcas indelévels na poesia de ambos, uma amizade que excede o erotismo na verdadeira aceção da palavra, o mais feliz e humano de todos os amores.

---

<sup>4</sup> (Osório, 1987).

## Amor Romântico - Eros (ἔρως)

Eros (ἔρως), segundo C. S. Lewis, é o “amor romântico” muitas vezes associado à libido, à ideia da paixão e do desejo sexual; é intenso e um dos mais poderosos tipos de amor, pois pode ser cruel e ao mesmo tempo inebriante. No *Teogonia*, Hesíodo considera Eros, filho de Caos, entre os deuses primordiais para além de ser o mais “belo dos deuses todos e dos homens todos/ ele doma no peito o espírito e a prudente vontade”(Hesíodo, 2003, p. 111), a força fundamental que garante a perpetuação dos seres e a coesão do universo.

Eros, na mitologia grega, era o deus da paixão amorosa; uma paixão não é somente um impulso, mas algo tão sério e forte o suficiente para nos fazer conhecer o primordial e o essencial de nós mesmos.

Nas obras de Vinícius de Moraes e Oswaldo Osório, a mulher é representada em todos as suas dimensões, sendo ela o tema central: a mulher é entregue totalmente aos carinhos e jogos eróticos do eu poético masculino. O erotismo emerge na poesia de ambos e metamorfoseado em todo o seu esplendor na figura da mulher bela e sedutora que chega a ser endeusada. Em certas situações, o corpo da mulher por meio de palavras, remetido a signos próximos da pureza: branco, deusa e adorada. Para uma melhor compreensão deste tópico sobre o amor romântico, dividimo-lo em três partes: amor-paixão, amor-adoração e amor-sensualidade.

### Amor-paixão

A paixão é um sentimento que vem célere e termina tão rápido quanto começou; a paixão é derivada do sofrimento e, por isso, geralmente causa mágoa e tristeza. Aristóteles (2000, p. 5) define a paixão como “aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários”, e vê a paixão como algo inerente ao ser humano e, como tal, não deve ser condenado ou extirpado.

Vinícius de Moraes ficou conhecido como o “poeta da paixão”<sup>5</sup>, o único poeta brasileiro que viveu sob o signo da paixão como referenciado nas várias biografias, livros e artigos, sobre

<sup>5</sup> José Castello também usou a expressão no título do livro bibliográfico sobre Vinícius de Moraes (Castello, 2002).

sua obra. O “Soneto de despedida” (Moraes, 1957) faz uma analogia entre a mulher e a lua. Enfeitiçada pela lua cheia, a mulher entrega-se despudoradamente ao seu amado (v.4) que, depois do ato sexual (v. 5), abandona-a deixando suas marcas nos lábios e nos seios (v. 14).

Este é o amor-paixão, o sentimento erotizado que busca o encontro pelo ato sexual e dele retira o máximo prazer. Aqui a paixão é sinónimo de volúpia. Na “Receita de mulher” (Moraes, 1954), o eu lírico apresenta o ideal feminino, caracterizando a mulher perfeita numa linguagem erotizada: “tem de ser bela”, “*haute couture*” (v.4), “que haja qualquer coisa de flor” sensualidade, v. 3), “a graciosidade de uma garça” (v. 10), “que refulge encanto aos olhos do homem” (v. 12), “com olhos e nádegas” (19) – em suma: “a coisa mais bela, a mais perfeita” (último verso). No “Soneto da mulher ao sol” (Moraes, 2017), o poeta descreve de forma sublime todo o charme e beleza da mulher deitada ao sol, enaltece os traços femininos, criando um ambiente erótico do sol a beijar levemente as partes íntimas do corpo feminino numa volúpia despertando o amor (paixão) do eu lírico (v. 1, 5 e 9).

Sobre Oswaldo Osório, na badana do livro *Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas* (Osório, 1997, badana do livro), recuperamos um trecho escrito por Arnaldo França, no qual ele engrandece a poesia amorosa do poeta cabo-verdiano:

a maturidade alcançada no domínio da linguagem poética, por outro lado, reabilita a poesia do amor que, um certo pudor, como que marginalizara dos poetas da Claridade, assumindo lucidamente um erotismo que é dos momentos mais altos desta última recolha dos seus versos (Osório, 1997).

Também, pelas características dos seus escritos e dedicação ao tema, a expressão “poeta da paixão” cabe na perfeição ao poeta cabo-verdiano. A beleza sensual, o louco amor extravasado em versos numa mistura de paixão e erotismo, o desejo de possuir agiganteia o ego do sujeito poético no poema “primaveril” (Osório, 1997). A *ars poética* em Osório é inovadora, é doseada de luzes, imagens, natureza e desejo intenso como o poema “quadros de amor e saudade” (p. 66, v. 7, 8 e 9): “hoje sonhei contigo”; o amor sexual que liberta: “não, sonhei-me dentro de ti/ e o rio nascia das nossas línguas”.

O diálogo com o livro sagrado evidencia-se no zelo do amado que busca todos os meios para proteger a amada e nas vigílias da noite, com receio que, por qualquer razão perca o seu grande amor, como é o caso, em Vinícius, dos poemas “Soneto do amor mortal” (v. 1, 3, 5, 8 e 14), “Soneto da rosa tardia” (primeira e última estrofe), “Canção para a amiga dormindo” (primeira e terceira estrofe), “Acalanto da rosa” (primeira e terceira estrofe) ou “Soneto de

Marta” (v. 1 e 7), e em Osório, “Outonal” (p. 34, estrofe 5 e p. 36, estrofe 11) , “Estival” (p. 26, est. 4)e “Avé poesia”.

A estética é um elemento convergente dos dois autores, sobretudo na construção da figura mulher, a ênfase à paixão desenfreada pela beleza feminina, sua sensualidade, sua brandura, sua delicadeza e sua força (“nu de portinari” de Osório, 1997, p. 57, e “Soneto da mulher ao sol” de Vinícius, 2017, p. 155).

Tomamos emprestado a expressão “loucos poemas” de Osório para caracterizar o poeta brasileiro pela portentosa força do amor na sua poesia que rasa a loucura: “desassombrado, doido, delirante, fere e quando fere, vibra, mas prefere ferir a fenecer” (Moraes, 2019), um conjunto de antíteses e paradoxos, um amor sem regras e, por ser amor maior, não pode ficar presa apenas em si mesmo. Da mesma forma que a figura feminina em Vinícius é bela, voraz, sedutora, traiçoeira e traída, também *em* Osório, certos momentos, o aspecto amoroso surge como uma ilusão perdida (Osório, 1997, p. 63), um relacionamento impossível de ser concretizado.

O sofrimento é um ingrediente do amor-paixão que faz jus à tese de Rougemont (1983, p. 36 a 43) de que o ocidental gosta de sofrer e que a paixão é sinónimo de sofrimento; os dois poetas não escondem a sua dor; Vinícius escreveu:

Uma mulher que é como a própria Lua:  
Tão linda que só espalha sofrimento (Moraes, 1954, p. 56).

Osório experimenta essa “deliciosa tristeza”, a sublimação do sofrimento:

ai! Morte é temor  
de deus de mais além  
de qualquer coisa urdida  
por amor (ou pelo horror)  
e para nosso bem desconhecida  
(Osório, 1997, p. 85)

## Amor-adoração

No amor-paixão vimos o amor na perspectiva do lirismo da posse, o “amor villano”<sup>6</sup>. No amor-adoração, vemos o lirismo da corte onde a mulher emerge como o ser ideal. O amor-adoração é um amor sublime, beirando a sacralização das relações amorosas, vai mais além do desejo sexual. O poeta Vinícius de Moraes, a partir da segunda fase, tira os olhos do altar para focar na figura da mulher amada, sem nunca se desvincular das “coisas do sublime”. A mulher passa a ser o objeto dos seus louvores. A exaltação e o louvor àquela que é “única”, conforme a segunda estrofe do “Soneto da Devoção” (Livro de sonetos, 1957, p. 19): *Essa mulher, flor de melancolia/ Que se ri dos meus pálidos receios/ A única entre todas a quem dei/ Os carinhos que nunca a outra daria*. De Oswaldo Osório colhemos estas pérolas do poema “outonal” (Osório O., 1997, p. 33) sobre a superioridade da mulher, em que o eu lírico reconhece a sua condição de “varão e amo”, “servo e amante” (v. 20, 21): “buscando nada porque és tudo Mulher/ e Deus ao te criar fez do varão o amo primordial/ teu servo e amante, e eva ainda vae verde...” (v.22). “A brusca poesia da mulher amada II” de Vinícius de Moraes e “estival” de Oswaldo Osório, são exemplos da intemporalidade da poesia de ambos. Souberam, de forma magistral, apropriar-se dos recursos, clássicos, bíblicos, trovadorescos, românticos e simbólicos para os reutilizar modernamente, pegando do que já foi dito bastas vezes e, de uma forma refinada, transformá-lo em algo novo.

Vinícius e Osório chegam a “santificar” a mulher a partir dos seus versos. O poeta brasileiro caracteriza a mulher como uma rainha carregando o cetro (Moraes, 2017, p. 44, v. 1), símbolo maior de poder e reverência pelos súbditos. Ele coloca-a como um ornato no alto de um templo romano, símbolo de sublimidade. A mulher pode ser considerada uma deusa, quase sagrada que “carrega o cetro”, o símbolo do poder e a força, “é máximo”, o absoluto a quem deve a submissão e devoção: “A mulher amada é aquela que aponta para a noite” (v. 2), aquela que as forças da natureza obedecem ao seu mandar. “E de cujo seio surge a aurora” (v. 3): os seios simbolizam o sustento, por um lado e também é um símbolo do prazer sexual; “A mulher amada/ É quem traça a curva do horizonte e dá linha aos movimentos dos astros” (v. 4): todo o

---

<sup>6</sup> Octávio Paz distingue o “amor villano” e o “amor cortês”: “o ‘amor cortês’ que reflete a diferença medieval entre corte e villa. Não o amor villano – copulação e procriação –, mas sim um sentimento elevado próprio das cortes senhoriais. Os poetas não o denominaram amor cortês; usaram a expressão *fin’amors*, quer dizer, amor purificado, refinado. Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução. **Fonte especificada inválida.**

encanto luminoso da deusa Afrodite é atribuída à mulher amada que governa o coração do eu lírico.

### **Amor-sensualidade**

As tipologias femininas nas obras dos dois poetas são diversas: esposa, mãe, amiga, a prostituta, a fatal, a amante, a amada, a que passa, a que fica, etc. Elegemos as três últimas por serem elas onde os traços da sensualidade e sedução são mais evidenciados e por descreverem e retratarem em imagens toda a sensualidade (a) da mulher amada, (b) da mulher que passa e (c) da mulher que simplesmente fica na memória. A preocupação com a estética e a temática amorosa, sobretudo na construção da figura feminina é, na verdade, o que mais se destaca e aproxima os dois autores; a mulher aparece como fonte de desejo, a mulher carnal e sensual.

#### (a) A mulher amada

Neste ponto, a mulher amada é aquela a quem o eu lírico se entrega sem reservas, como a fonte da felicidade eterna. Encontramo-la no “Soneto de Devoção” de Vinícius de Moraes<sup>7</sup> evidenciando o erotismo de uma mulher arrebatadora – sedutora, sensual e experiente – uma mulher que não guarda pudor, conforme se observa (v. 1 e 2): “se arremessa, fria e lúbrica” – uma referência à sensualidade feminina - e provocantemente devassa, que “balbucia (sussurra) versos, votos de amor e nomes feios” (v. 3-4) – a sedução por meio de palavras que excitam o eu lírico; a forte atração carnal que a amada provoca sobre ele, o que talvez, inicialmente, causa algum desconforto. E ela, em sua superioridade com sua grandeza, ri destes seus “pálidos receios” (v. 6), conforme se vê na segunda estrofe.

Encontramo-la também nos versos de Osório no poema “estival”(Osório, 1997, p. 23). Quanto mais procura saciar a sede do amor, mais desejoso e sequioso fica o amado que arde de paixão pela mulher amada(Osório, 1997, p. 23).Essa é a mulher fatal descrita por Baudelaire (1995, p. 525). Aquela que provoca amor e ódio, vida e morte, que quanto mais se entrega de si, mais aumenta o desejo do homem: “[...] deve, pois, nos causar repulsa. A mulher tem fome

<sup>7</sup> Estamos a referir ao Vinícius da fase modernista.

e quer comer, tem sede e quer beber. No cio, quer ser comida. Que glória! A mulher é natural, isto é, abominável. Por isso mesmo ela é sempre vulgar” (Baudelaire, 1995, p. 525).

O ponto da convergência do trovadorismo, do romantismo e do surrealismo estão bem presentes nos versos de Osório e Vinícius: a cortesia, o erotismo puro, o amor-paixão, o elevado viés emocional em que cada poema são traços que compõem a poesia sensual dos dois. Este é um amor para a vida. É um sujeito que se compromete a viver o amor até ao “infinito”, “mas que seja infinito enquanto dure”<sup>8</sup>, como se a vida perdesse sentido depois do amor.

A declaração de amor à mulher amada pode ser entendida como uma declaração de amor ao próprio amor (Rougemont, 1982, p. 40). A pulsão do amor que se estende para as outras temáticas: os problemas sociais, as vicissitudes da vida, o engajamento político, as crises existenciais, a natureza, etc.

#### (b) A mulher que passa

“Garota de Ipanema” (Moraes, 2017, p. 116) é o clássico exemplo da “mulher que passa” no olhar parnasiano do poeta brasileiro, uma bela jovem que passa, alheia aos olhares e às preocupações do quotidiano. Essa lírica tornou-se tão popular, dando a impressão que a carreira de Vinícius começou e terminou com ela. As primeiras duas estrofes falam da forma sensual de andar da moça e elogia a cor da sua pele que é bronzeada pelo sol; com simplicidade, consegue descrever toda a beleza feminina. Oswaldo Osório também perpetuou sua “garota” no poema “nu de portinari” (Osório, 1997, p. 57), a mulher que passa.

Candido Portinari é considerado o artista modernista por excelência do Brasil, que se destacou na sua pintura pela sua ousada incorporação do conceito de pés e mãos exagerados, ressaltando o sacrifício na labuta diária, da venda ambulante, na busca do sustento, no enobrecimento dos que plantam e colhem, ou carregam a água debaixo do sol ardente. O poema “nu de portinari” (Osório, 1997) é uma alusão ao quadro “Mulata de Vestido Branco”<sup>9</sup>, uma mulher sem face, de corpo jovem, forte e de caminhar firme. Nesse caso, o eu lírico viu “um belo portinari/ tabuleiro à cabeça/ lata emborcada sob o braço/ subindo ágil e suada sob o sol e ponta belém” (v. 1 a 4). Pela descrição do poeta, imaginamos que fosse uma mulher do interior

<sup>8</sup> Este é o último verso do *Soneto de fidelidade* (Moraes, 2017, p. 29).

<sup>9</sup> Quadro de Cândido Portinari.

da ilha de Santiago, uma “ravidante”<sup>10</sup> que sobe “ágil e suada” a ladeira da cidade da Praia, pelos lados de Ponta Belém com o tabuleiro na cabeça. “Os contornos portinários” (v. 6) eram tão sedutores e provocantes que o eu lírico a imaginou, com olhos de desejos, nua com o corpo molhado de suor, de coxa redonda e de seios eréteis como se estivesse a sair do banho.

(c) A mulher que fica (na memória)

Essa mulher é a que passa e fica na lembrança, aquela que despertou a paixão do eu lírico por um certo tempo. A conhecida autora Michelle Perrot (2008, p. 49) sugere que “a mulher é, antes de tudo, uma imagem”, feita de aparências. O eu lírico foca a sua atenção nos traços corpóreos femininos, a mulher que aparenta, em certos momentos, mais corpo do que alma. Neste tópico sobressai a qualidade criativa dos dois poetas: “capacidade de criar mundos imaginários, acreditando por outro lado na realidade deles” (Coutinho, 1978, p. 143).

O eu-poético, nos dois casos, direciona os sentidos aos aspetos físicos femininos tão aprofundados que chegam a ser erótico. Vinícius, no “Samba da bênção” (Moraes, 2001, p. 78), escreveu: “uma mulher tem que ter qualquer coisa além de beleza”. O bom dessa poesia é essa “qualquer coisa” que se torna inexplicável e só quem a sente saberá do que se trata. A “vénus” (1997, p. 7) de Osório representa o amor sublime tão eterno quanto “a mulher amada” (2017, pp. 43-45) de Vinícius. Esse amor sublime que não é imortal “porque é chama” (Moraes, 2017, pp. 43-44) ou “fogo brando” (Osório, 1997, p. 85) teve um fim, mas não sem antes de ser possuído mil cento e onze vezes em um ano! Nunca o eu lírico se sentiu tão realizado numa relação amorosa como esta em que faz questão de deixar registado “a oiro sob o azul do céu”, como “*slation/* centauro poderosíssimo” que soube dar à deusa do amor o que nenhum outro homem conseguiu.

Em Vinícius, o primeiro exemplo da mulher que passa e fica na memória do eu lírico, vem do poema “Romanza”<sup>11</sup>. É uma mulher que passa, mas deixa suas marcas na memória e no sentimento de quem a vê, como temos em vários poetas de épocas distintas. Essa poesia de

<sup>10</sup> Expressão utilizada para caracterizar as vendedeiras de rua, na ilha de Santiago.

<sup>11</sup> Por ser um poema muito longo com 80 estrofes, selecionamos alguns versos ou expressões que demonstram as recordações deixadas pela mulher nos seus passeios junto à praia no coração do seu pretendente. Massaud Moisés define Romanza como uma composição poética espanhola, de origem popular, autoria não anónima e temática lírica e/ou história, geralmente em versos de sete sílabas ou redondilhas maiores, corresponde, até certo ponto com a balada medieval **Fonte especificada inválida..**

marca trovadoresca, na maioria das vezes, é traduzida como uma exteriorização do obséquio feudal. Nessas caminhadas na praia, o único contato e comunicação era pelo olhar. O receio de “destruir” aquele ritual do passeio na praia do mar, o pretendente preferiu o silêncio a ter de ouvir um “não” por parte da amada até esta “se afastar para longe”.

Sobre a mulher que fica, Oswaldo Osório brinda-nos com o poema “hoje deus me a deu a ver” que descreve a memória de uma amor, passados vinte e sete anos: “três vezes ali voltei/ sabendo que não mais a veria/ com amor que jamais se viu/ e que por tanto a desejar,, (Osório, 1997, pp. 63, 64). Não sabemos quais motivos da separação, mas fica a percepção de ter sido um grande amor que o fez voltar mesmo sabendo que ela não estava lá; apesar dos anos e, certamente, de muitas lides amorosas, ela ficou na memória. Milagrosamente, ele a viu como “nunca antes” e “nunca mais” voltará a vê-la.

## Conclusão

Discorrendo sobre as correspondências no campo da lírica amorosa entre os dois, tendo como principal eixo de estudo *Os quatro amores*, segundo C. S. Lewis, (1) afeição ou *storge* (στοργη), (2) amizade ou *philia* (φιλία), (3) amor romântico ou *eros* (έρως) e (4) amor incondicional ou *ágapê* (αγάπη), sendo os três primeiros classificados de amores naturais e o último, de amor divino e, como objetivamos no início deste estudo, a lírica amorosa de Oswaldo Osório e Vinícius de Moraes converge-se nos seguintes pontos:

- Amor livre de preconceitos; concepção concreta dos sentimentos; relatos do cotidiano nas suas obras; e citação dos principais dramas sociais de sua época.

- A forte presença da temática amorosa que, no caso de Vinícius de Moraes, ficou conhecido como o poeta da paixão e, Oswaldo Osório, como se percebe na sua obra, assumiu sua predileção para a poesia do amor ambos se convergem na forma como exaltam o amor, a feminilidade e o erotismo.

- Uma lírica amorosa atemporal. O tempo da poesia nada tem a ver com tempo cronológico; a poesia é a-histórica, a-atemporal, porque ela se move num tempo que não pode ser medido pela História (MOISÉS, 1977, p. 63).

- A temática do amor, baseado no livro *Os quatro Amores* de Lewis (1997), pela mensagem no seu todo ou em parte, o *storge*, faz alusão aos pais e aos filhos, a forma carinhosa, a ternura dos versos e afeição paterna, o amor à pátria, escritos em jeito de ensinamento. No

segundo tipo de amor, *philia*, vimos dois poetas engajados com a liberdade e os direitos humanos; Osório empresta a sua voz ao povo, através dos poemas “bom dia cabo verde”, defende os direitos humanos com “o preso no vidro” e Vinícius fez a mesma coisa com o poema “Operário em construção”. O terceiro tipo, *ágape* (αγάπη) viu-se a estreita relação entre o divino e os dois poetas; ambos evidenciam uma poesia que chega a ser mística sem ser religiosa; percebemos a devoção, a indagação metafísica, o pleno reconhecimento da onisciência e onipotência do Criador, traduzido em expressões que versam o amor dos dois autores para Deus. No quarto tipo, o erotismo osoriano e viniciano assumido, muitas vezes, esconde-se no domínio do implícito, do não-dito, das entrelinhas e do sussurro.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: Aristóteles – *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1984.
- BAKHTIN, M. *De dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BAUDELAIRE, C. As flores do mal . Em I. Barroso, & I. Barroso Ed. *Poesia e Prosa*. F. Guerreiro, Trad. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Aguilar, 1995. Pág. 525.
- BÍBLIA SAGRADA Tradução: João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.
- CASTELLO, J. *O Poeta da Paixão*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, SP, 1994.
- COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização, 1978.
- CRISTÓVÃO, F. (dir. e coord.). *Ensaio Lusófonos*. Coimbra: Almedina, 2012.
- CROCE, B. A literatura comparada. In: T. F. Carvalho, E. F. Coutinho, & (org.), *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ECO, U. *História da beleza*. Tradução: Elena Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Ferraz, E. (org.) *Vinicius: Todo amor*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 1997. Disponível em: [https://www.companhiadasletras.com.br/sala\\_professor/pdfs/CL\\_ViniciusdeMoraes\\_amornapoesia.pdf](https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_ViniciusdeMoraes_amornapoesia.pdf) (Acessado em 23 ago. 2017).

GIDE, A. *Paludes*. Paris: Gallimard, 1973.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade amor & erotismo nas sociedades modernas*. 4ª ed. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Universidade estadual Paulista, 1993.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. 2ª ed. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEWIS, C. S. *Os Quatro Amores*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MACHADO, A.; PAGEAUX, D-H. *Da Literatura Comparada À Teoria Da Literatura*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Presença, 2001.

MOISÉS, C. F. (org.). *Vinicius de Moraes*. Literatura Comentada. São Paulo: Abril, 1980.

MORAES, V. *O caminho para a Distância*. Rio de Janeiro: Schimidt Editora, 1933.

\_\_\_\_\_. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: A Noite, 1949a.

\_\_\_\_\_. *Pátria minha*. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1949b.

\_\_\_\_\_. *Livro de Sonetos*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957.

\_\_\_\_\_. *Todo Amor*. Organização e edição de Elcanã Ferraz. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Soneto do amigo*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-do-amigo> (Acesso em: 24 jan. 2018).

OSÓRIO, O. *Caboverdianamente construção meu amor*. Lisboa: Nova Aurora, 1975.

\_\_\_\_\_. *Clar(a)idade Assombrada*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os Loucos Poemas de Amor e Outras Estações Inacabadas*. Mindelo: Artiletra, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Sexagésima Sétima Curvatura*. Praia: Dada Editora, 2008.

PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M. S. Corrêa. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

ROUGEMONT, D. *O amor e o ocidente*. Tradução: Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz, Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SILVA, R. R. A poesia religiosa de Vinicius de Moraes: A gênese de uma poética. In: SILVA, R. R. A, *Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literária*, 2005, v. 5.

SPÍNOLA, D. Da Sexagésima Sétima curvatura ao Novo Milénio. *In*: SPÍNOLA, D. *Novas Letras*, n 1, Praia: ACL, 2016.

VILLAS-BOAS, A. *Teologia e Poesia*. A busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Sorocaba: Create Editora, 2011.

## **Correspondences in the loving líric of Vinícius de Moraes and Oswaldo Osório**

**Abstract:** This study, whose theme is romantic love, for being it is a timeless theme in all cultures and literatures, aims to demonstrate the correspondences in the loving lyric of Oswaldo Osório and Vinicius de Moraes, and has as a background *The Four Loves*, by C. S. Lewis, whose terms, *storge*, *philia*, *eros* and *agape* constitute the axes of approach to the loving *aesthetics* of the two authors, especially in the construction of the female figure, emphasizing their passion, sensuality, gentleness, delicacy and strength. In this sense, the research is based on a theoretical perspective - which is linked to the orientation of Comparative Literature, with a multidisciplinary dimension, in a dialogue close to the studies of Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva, Harold Bloom, Earl Miner or Tania Carvalhal - as well as a brief presentation of the context of the temporal, dialogism and intertextuality between life and the work of the two authors, taking into account the identity and literary systems of each one. It is observed that the romantic loving aesthetics of vinician and osorian texts present plural senses constructed under the objective reality and ideal of these poetic subjects - each one in his space and in his time - converging in the way they exalt love, femininity and eroticism.

**Keywords:** Romantic love, similarity, intertextuality, poetry.

**Recebido em:** 14 de outubro de 2021.

**Aceito em:** 10 de dezembro de 2021.